ANO 5.º — Sexta-feira, 19 de Abril de 1912 — NUMERO 217

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Portugal d'além mar

As declarações do presidente do Conselho na Câmara dos deputados ácêrca das relações internacionaes do nosso país com as demais potencias, mórmente com a Inglaterra e Alemanha, e, sobretudo, a firme confiança com que, devidamente autorisádo pelas chancelarías de Londres e Berlim, desfêz boatos tendenciosos ácêrca da integridade das nossas colonias, vieram lançar nos corações de todos os patriotas, ainda os mais descrentes, um raio de esperança no futuro da *Comunidade Portuguêsa.*

Alvejados desde velha data pela injuria e cubiça de visinhos poderosos, menos favoravelmente apreciados por cérta imprensa d'além fronteiras de sobejo conhecida entre nós pelos seus poucos recomendaveis processos de *passer á la caisse,* não foi sem jubilo que ouvimos as perentórias declarações do ministro dos estrangeiros em resposta áquêles que, nêste momento de incertezas da politica internacional, se ocupam em demasía com a nossa honesta mediania de povo livre e autonomo.

Chegou o momento em que a politica internacional da Nação não deve ser a politica de capitulações e desprestigio do tempo da *ominosa.* Exige-o a honra da Republica e o nosso prestigio de povo independente, que não quer desmerecer das suas brilhantes tradições. Se a dinastia de Bragança capitulou sempre perante o estrangeiro e jámais têve rebuço em sacrificar os mais sagrados interesses da Patria em seu proprio beneficio, é porque — assim no-lo ensina a Historia—nunca em nenhum dos seus representantes crepitou bem acêsa a chama do patriotismo. E'la e a Companhia de Jesus fôram—não ha negal-o—os maiores flagelos que durante seculos açoitáram a terra lusa. O gesto redentar de *Cinco d'Outubro* veio libertal-a da causa dos seus maleficios, urgindo agora integral a no proseguimento da sua historica missão de que momentaneamente e em tão má hora foi arredada, pois apezar do rasoavel somatório de erros e defeitos da nossa raça ainda sômos dos poucos que lhe vislumbram um futuro digno do seu glorioso passado.

Assim sendo, não ha motivo para desalentos pelo facto dum bando de portuguêses degenerados tramar contra a existencia da Patria no estrangeiro, acamaradando ignobilmente com estranhos na campanha de difamação contra as nossas colonias, pois já o *épico* dizia que *entre portuguezes, alguns traidores houve algumas vezes. Nuno Alvares Pereira* foi o heroe legendario de Aljubarrota,a sublime encarnação patriotica dum povo sedento de liberdade, e comtudo, contra êle e contra a Patria combatia um irmão seu, acaudilhando fidalgos portuguêses que tomaram o partido de *Castéla.* Em 1580, o *clero* e a *nobreza*, numa ancia obscena, de venalidade, esforçávam-se por demonstrar ao rei de Hespanha, Filipe 2.º, qual dêles tinha mais jus a munificencia e liberalidade régias, leiloando ignobilmente a Patria que os seus maiores fizeram grande e respeitada.

Sómente o povo, a plebe, a *arraia-miuda*, a *rua*, como hoje soe dizer-se, a quem as cedulas castelhanas da traição não corromperam o sentimento patriotico, e em cuja alma ecoou fortemente a voz viril d'um *Phoebo Moniz*, só éla, repetimos, resgatou na *ponte d'Alcantara,* faminta e nua, a suja traição das classes superiores, batendo-se contra a absorção da Patria pelo seu inimigo de sempre— *o vil Castelhano.*

Passados os longos sessenta anos de cativeiro, em 1640, os fidalgos conjurádos, pondo infelizmente de parte a ideia de proclamarem a independencia da Patria sob a égide da *Republica, á moda de Hollanda*, caíam na ignominia de fazer ascender ao trôno de Portugal o poltrão de *D. João IV*, que, se cingiu a corôa, á energia de sua mulher, *Luisa de Gusmão*, o déve. Com o triunfo da descendencia do *Barbadão* inicia-se em Portugal uma politica de baixezas e de capitulações que só concorreu para o prejuizo cada vez maior da *Comunidade Portuguêsa.* Não ha na historia da Patria dinastía mais crapulosa e anti-patriotica que a de Bragança. Tão prejudicial nos foi que as desditas e infortunios porque passámos desde a restauração são, na sua quasi totalidade, obra sua, tal o seu feroz egoismo e criminosa pertinacia de viver parasitáriamente á custa da Nação. Ainda mal firme no trôno, começou o seu fundador *D. João IV,* por traiçoeira e secrétamente entabolar negociações com Hespanha para lhe entregar novamente Portugal, valendo-se para essas *démarches* das artimanhas e *malas artes* do padre Antonio Vieira. Após a sua morte, e durante a regencia de sua mulher, *D. Luisa de Gusmão*, pela menoridade de *D. Afonso VI,* aquéla, sem respeito pelo sangue e sacrificios dos heroes nossos antepassados, impõe a entrega a Inglaterra, como dote do casamento de sua filha, a infanta D. Catarina, com Carlos II, das preciosas joias do nosso império colonial que eram *Tanger* e *Bombaim.* Tão vergonhosa foi esta transação e tal rastilho de indignação acendeu por todo o país que os governadores das praças acima, fazendo-se éco do protesto dos seus moradores e dos impulsos do seu patriotismo, preferiram serem demitidos a entregarem aquélas duas cidades aos inglezes. Já então os Braganças consideravam a patria portuguêsa uma roça e a opinião pública coisa sem valia, nada influindo na realisação dos seus criminosos designios.

D. Pedro II ao entabolar as negociações para a paz com Hespanha, após os vinte e oito anos da guerra da independencia, não soube ou não quiz aproveitar o ensejo da vitória e os planos de expansão territorial do grande ministro *Castélo Melhor* para exigir uma *rectificação de fronteiras* e a *cedencia da Galiza* a Portugal, verdadeiro complemento etnografico e geografico da patria portuguêsa ao norte, antes pelo contrario, pactuou cobardemente com as imposições do inimigo vencido e humilhado, aceitando-lhe no respectivo tratado de paz a clausula da não restituição de *Ceuta* á corôa de Portugal, isto quando Portugal tinha prisioneiras o melhor das tropas de Hespanha.

D. Maria I aliena criminosamente parte do nosso dominio colonial na *America* e na *Africa*, cedendo á Hespanha sem compensação alguma os territorios da fronteira do *Paraguay,* ao sul do Brazil, e as riquissimas ilhas de *Fernando Pó* e *Amo Bom* no golfo da Guiné, que hoje podiam ser na mão dos portuguêses um segundo empório do cacáu como atualmente *S. Thomé* e *Principe.*

Data dêste reinado a instalação dos francêses no *Senegal.* De então até aos nossos tempos nunca a dinastia de Bragança e os seus serventuarios soubéram tirar á França as veleidades de expansão á nossa custa, pois estupidamente consentiram que éla nos encurralasse nos mesquinhos limites que hoje definem a nossa possessão da *Guiné.*

Mais tarde, *D. Luis*, cometendo a imbecilidade de se aproximar da Alemanha, malquistando idiotamente a Nação com a Inglaterra, abandona a influencia germanica, para merecer as bôas graças do Kaiser, os vastissimos territorios do *Ovampo, Damaras* e *Namáquas*, entre os rios Cunene e Orange, e que hoje constituem o *Sudoéste Africano Alemão.*

Mas foi a *conferencia de Berlim*, em 1885, que deu o golpe de morte no prestigio português na Africa Austral, expoliando-nos das ricas terras tributarias do *Zaire* em beneficio do *aventureiro Leopoldo II*, e permitindo que uma nação de formação recente, a Belgica, sem tradições coloniaes, aparecesse, dum momento para o outro, como uma formidavel potencia colonial, possuindo o melhor de *dois milhões e quatrocentos mil kilometros quadrados* de territorios do *hinterland* africano, com uma via fluvial de penetração de primeira ordem, a despeito dos seus rapidos, o legendario *Zaire* descoberto por Diogo Cam, e hoje por alguns compendios estrangeiros de geografia grotescamente crismado de rio *Livingstone.* Esta expoliação feita á patria portuguêsa dá bem a medida do patriotismo da Monarquia de Brgança, desde a realeza ao mais infimo dos seus estadistas, para quem o problêma colonial nunca mereceu as honras duma acurada atenção, em contrario do modo de vêr dos outros povos que se engrandecêram colonialmente á nossa custa, mercê do nosso indesculpavel desleixo.

E como se não bastasse todo este estendal de miserias duma politica colonial sem orientação, vem, por ultimo, a imbecilidade duma politica externa personificada em Barros Gomes, apologista *acharné* da aliança com a Alemanha, mimosear-nos com o *ultimatum* inglez de 1890, surripiando-nos *setecentos mil kilometros quadrados* dos soberbos territorios do *Chire, Manica, Barotze* e *Matabeles*, o melhor que possue o *hinterland* africano sob o ponto de vista geologico, obrigando-nos a renunciar definitivamente ao nosso mapa côr de rosa, o nosso sonho de sempre, a ligação de *Angola* com *Moçambique.* Já não mais os nossos sertanejos e os *pombeiros* do Bihé farão as suas viagens de Angola á contra-costa, calcurriando sempre territorios do *Muene-Puto* (Rei de Portugal) na linguagem do gentio, territorios em que a influencia portuguêsa era tradicional, e em que o português era para as populações negras do interior o unico *branco. Silva Porto, Anchieta*, o sabio naturalista, *Caldas Xavier* e muitos outros sertanejos benemeritos da patria, de tal fórma aureolaram de prestigio o nome português no sertão africano que ainda hoje se constata a cada passo a preponderante influencia exercida por estes pioneiros da civilisação no interior do continente negro. Se *Livingstone, Stanley* e outros exploradores africanos cujos feitos a fama exageradamente apregoa, tivéssem querido falar imparcialmente, teriam de confessar que se levaram a cabo as suas façanhas e cometimentos, do prestigio e bons oficios dos nossos sertanejos junto de gentio se valeram bastas vezes. Alguns ainda o declaráram protestando a sua gratidão de par com a sua admiração por constatarem como a influencia portuguêsa se radicou tão funda na alma do indigena; porém outros não tivéram para Portugal senão palavras de odio e despeito por *descobrirem* o que os portuguêses já tinham descoberto seculos antes. Mas não pára aqui o sudario dos nossos desastres coloniaes. Em 1896 a Alemanha apodéra-se á força da bahia de *Keonga*, ao sul do Rovuma, em Moçambique, não tendo escrupulos em fazer arrear a bandeira portuguêsa e ordenar a saída do destacamento português que lá estava afirmando a nossa soberania Que fêz a monarquia para nosso desagravo? Nada. Enguliu a injuria, não tentando sequer protestar pelas vias diplomaticas, pelo menos que fôsse notorio.

De 1880 para cá que uma febre de expansão colonial agita a Europa, designadamente a Alemanha, França e Inglaterra. Quando deviamos acompanhar estas potencias nêssa politica de expansão, ao menos para salvaguardarmos os nossos historicos direitos sobre algumas porções de terra africana, não só o não fizémos, como permitimos que esses países firmassem a sua soberania no ultramar á nossa custa. O caso do Dahomé é bem elucidativo.

Em 1885 ainda Portugal exercia nêste reino um protectorado. Os reis daquêle sanguinário país acatavam-no e respeitavam-no a tal ponto que na sua politica externa era sempre ouvido o nosso residente da fortaleza de *S. João Batista de Ajudá.*

O nosso dominio moral sobre os dahomeanos, sendo um facto reconhecido até por estrangeiros residentes nas feitorias de *Cotunú* e Ajudá, pois era vulgar solicitarem do nosso residente protecção para a sua vida e haveres, levou este, o major Antonio Domingos Cortez da Silva Curado, a propôr por mais duma vez ao governo da monarquia a posse efectiva daquêle país, sem luctas nem derramamento de sangue. Anti-patrioticamente, imbecilmente,—é o termo — se opuseram os governos da monarquia á conquista pacifica daquêle país, receiando complicações de ordem internacional, deixando que mais tarde, em 1892, os francêses sob o comando do coronel *Dodds*, incendiando, desvastando e derramando bastante sangue, fizéssem a ocupação efectiva do país com menoscabo dos nossos historicos direitos.

Hoje perdêmos ali toda a nossa influencia, e os que outr'ora solicitavam a nossa protecção junto dos sanguinarios regulos dahomeanos são precisamente aquêles a quem na hora presente têmos de pedir autorisação, se queremos ir a *Ajudá*, pobre fortalêza encravada em territorio francêz. Quão longe estâmos já dos tempos em que os reis do Dahomé, perante estrangeiros, entre atonitos e despertádos, rematávam os seus discursos ao povo com estes dizeres invariaveis: *Deus no céu, o rei do Dahomé na terra, e o rei de Portugal no mar.*

Tal tem sido em resumo a politica colonial dos Braganças.

Resta saber se haverá por aí algum degenerado português, que ainda anceie pela restauração dum regimen, que só tem comprometido o nosso patrimonio colonial e atraído para o nome portuguez o riso e o chasco de estranhos.

Aido.

CENTRO REPUBLICANO

CONFERENCIA

No proximo domingo, pelas 20 horas, realisará na séde do *Centro Escolar Republicano*, uma conferencia subordináda ao titulo de—*Politica Naval*— o digno capitão do porto de Aveiro, nosso amigo sr. Silverio da Rocha e Cunha, cuja competencia em assuntos navaes é por todos reconhecida.

A direcção do Centro, que o convidou, mostra assim o quanto se empenha por interessar o público nos diferentes problêmas da vida nacional, pelo que é merecedôra dos nossos aplausos.

Conspiradores de Aveiro

Passáram na noite de sábado na estação do caminho de ferro com destino á Relação do Porto, os presos désta cidade que estávam na Penitenciária de Coimbra, dr. Jaime Duarte Silva, dr. Inocencio Rangel, Antonio Ferreira, Eduardo Barbosa e Firmino Fernandes, os quais receberam na *gare* os cumprimentos dos parentes e *aderentes* que ali os aguardávam, convidados para esse fim pelo *andador* ás ordens do *habil* advogado da rua do Sol, que assim conseguiu a *expontanea manifestação de simpatia* de que nos fala o *Seculo.*

Para completo socêgo do público, porém, visto que a verdade anda bastante alterada, é bom que se saiba que a manifestação da *gare* em nada abalou as instituições, pois, como deixâmos dito atraz, néla só tomáram parte pessoas de familia dos presos e uns poucos de sugeitos, que fôram seus companheiros, como o dr. Ataíde, padre Campos e outros que por bem conhecidos se não confrontam.

Isto, é claro, embora pése ao orgão e defensor das *lidimas individualidades da nossa terra* que computa em 500 o numero de manifestantes quando afinal, na bilheteira da estação, apenas fôram vendidos **72 bilhêtes de gare** para os trez comboios que ali passam quasi á mesma hora. Mas nós percebêmos bem onde o *comediante* quer chegar, qual o seu fim e os planos que traz em mente.

O *pequeno* quer festa...

LEI DA SEPARAÇÃO

Preparam-se para ámanhã, em Lisboa, festas liberais comemorativas do 1.º aniversario da lei que separou a Egreja do Estado e a esse respeito, o nosso colégа *A Patria*, orgão do grupo democratico chefeádo pelo sr. dr. Affonso Costa, escréve:

> Da provincia teem chegado inumeras adesões á iniciativa, que algumas secções do Gremio Lusitano tomaram, de festejar o primeiro aniversario da lei da separação, a lei emancipadora da consciencia nacional, que integralmente tem sido aplicada com extraordinarios beneficios para o país apesar dos vivos ataques que contra éla teem tentado os elementos reaccionarios.

Que integralmente tem sido aplicáda, não, colégа; isso é muita força de expressão. *A lei emancipadôra da consciencia nacional*, como, com toda a propriedade, lhe chama, está até muito longe de ser *integralmente aplicáda*, o que nos faz supôr a existencia de infundádos receios por parte do govêrno.

E olhe que não sômos só nós a dizel-o...

Pela imprensa

Felicitâmos os nossos colégas *Independencia de Agueda* e *A Liberdade*, que aqui se publíca, pelos importantes melhoramentos que acabam de introduzir nas suas tipografias, o que é uma prova de prosperidades que sincéramente lhes desejâmos.

Ao *Imparcial*, semanario tambem republicano, de Pombal, os nossos parabens por ter completádo o seu 3.º ano de existencia.

As procissões

Aos carolas de batina e casaca

Evangelho de S. João, Cap. 4, v 24. — *Spiritus est Deus et eos qui adorant eum, in spiritu et veritate oportet adorare* — Deus é um espirito e em espirito e verdade deve ser adorado.

Levitico cap. 26 v 1—*Non facietis vobis idolum et sculptile... ego enim sum dominus Deus vester*—Não fareis idolos ou imagens de escultura, porque eu sou o senhor vosso Deus.

Exodo, cap. 20 v. 4—*Non facies tibi sculptile neque omnem similitudinem quae est in coelo desuper...* Não farás imagem nem figura do que ha nos céos, sobre a terra...

Cap. 5.—*Non adorabis ea neque coles, ego sum dominus Deus uus fortis* — Não os adorarás, não lhes prestarás culto, eu sou o teu Deus forte.

Salmo 96 v. 7.—*Confundantur omnes qui adorant sculptilia et qui gloriantur in simulacris suis.* —Confundidos sejam todos os que adoram éssas imagens e que nélas se vangloríam.

Salmo 117 v. 4.—*Simulacra gentium argentum et aurum opera manuum hominum* — Os idolos das gentes são de ouro e de prata e obra das mãos dos homens.

V. 5.—*Os habent et non loquentur, oculos habent et non videbunt.* — Tem bôca e não falarão, tem olhos e não verão.

V. 6.—*Aures habent et non audient, nares habent et non odorabunt.* — Tem ouvidos e não ouvirão, tem narizes e não cheirarão.

V. 8.—*Similes illis fiant qui faciunt ea et omnes qui confidunt in eis.*—Sejam semelhantes a êles aquêles que as fazem e todos aquêles que nêles confiam.

* * *

Estando assente que a base de todo o ensino católico é a biblia, o livro divinamente inspirádo, fazer propaganda de doutrina que néla implicita ou explicitamente se não contenha é incorrer no pecádo de heresia manifesta.

Tem fóros de dogmatica a afirmação de que, em matéria de fé, se não póde ir além ou contrariar, de qualquer fórma, os ensinamentos biblicos e, por isso, logicamente estão condenádas todas as práticas cultuais exibidas em detrimento das verdades da fé, lá contidas. Cristo veiu, em parte, cumprir e completar muitos dos preceitos da antiga lei e asseverou a persistencia da sua doutrina, dizendo: a terra e os céus passarão, mas as minhas palavras não —*verba mea non transibunt.*

Como explicar então essa teimosía da besta apocalitica, da egreja, persistindo, ha se-

culos, em prevaricar contra letra expressa, palavras terminantes, formais, que saíram dos labios do seu Deus e em que êle abomina os adoradores de imagens e os seus fazedores, porque só quer ser adorado *em espirito e verdade*. como diz pela bôca de S. João? Como dar a razão de um tal procedimento, quando tão poderosos cerebros tem servido a egreja, escarrando o desprezo,fazendo vista grossa sobre aquélas palavras do proprio Cristo?

A razão é simples e bastante, mas não tão clara que esteja ao alcance de muito palerma inconsciente que faz parte dêssas degradantes fantochadas das procissões em que os seus comparsas entram, não já por sentimento religioso, mas por uma questão de capricho, de desforra, de revindicta, como se fosse uma parada de forças e mais nada.

A móla real de todo esse mecanismo das procissões, manobrando sem unção, nem fé, contra manifesta disposição dos textos sagrados, é nem mais nem menos que o interesse e a corrução dos clericais e a embecilidade de outros que se *refrescam* com esses grotescos e sacrilegos cortejos. O luxo e exterioridades opulentas da egreja romana, que contrastam com a pobreza de Cristo, como se tem sustentado até hoje? Com o tráfico infame das cousas espirituais, com os reditos incomensuraveis do culto externo nas suas variadissimas extorções, desde o bentinho, da alampada e do rosario até á bula e ao indulto com as suas grozas de indulgencias; do manipanço de resplendor e côr atomatáda, até ao santaralhão de côr palida e olhar esgaseádo!

Tudo isto bem aproveitado, tem redundado numa chatinagem ignobil e repulsiva, que faz, dos profissionais da fé, uma horda de salafrários e exploradores de infima espécie.

Porque repéle então a egreja a doutrina de textos tão claros e esmagadores, e porque fêz da existencia do purgatorio um dogma, quando éla o fundamento apenas numas palavras de sentido vago, duvidoso, sem a clareza contundente dos textos citádos que condenam e abominam o culto externo? Respondam-nos os sabios da escritura, os clericais de coróa e os confrades de casaca. E' porque, creando o inferno, descobriu-se a galinha de ouro da egreja, deu-se eficacia aos preceitos catolicos, libertando assim a consciencia religiosa de duas situações irredutiveis — *céu e inferno*—onde não são precisos nem sufragios, nem préces, que só tem razão de ser para os que temporariamente andam em vilegiatura pelas veredas do purgatorio. Creou-se, pois, esta fonte de receita e, desacatando os textos acima, ficou aberta, e em exploração, a rica mina de fabulosos lucros — o culto externo. Eis a razão de ser do culto externo que uma aluvião de parasitas espreme e suga ha tantos seculos, sem consciencia e sem lei. E é perante esta matulagem, ainda acoutada pela lei, explorando a consciencia do fiel, ingenuo e parvo, que a nossa dignidade de homem se tem de curvar? Isso nunca—sacrilegos malandros!—porque, além da nossa razão o não permitir, a vossa biblia, o vosso Deus, o vosso Cristo, o vosso evangelho, estão do nosso lado—apostolos de ponta e mola, rufias do divino! As vossas procissões, pois, não passam de uma sacrilega idolatría, uma simonía ridicula e ignobil, em que, contra as palavras do proprio Deus, colaboram apenas malandros e estupidos.

UM AGRESCENTO

Ao engraçado panegirista de Jaime Duarte Moraes e Silva, que no jornal do Zé Maria, a *Cornêta do Diabo*, conhecido tambem pelo *Correio de Aveiro*, publica as *invejaveis* notas biograficas do imortal *Mijarêta*, esqueceu a cópia do depoimento feito no decantádo processo contra os empregádos do correio, pelo *director*, do qual o misero turibulário do refinadissimo homem... de bem pretende fazer cavalo de batalha e tirar um... partidão, quando insinua que houve novos castigos aplicádos aos empregados, perseguidos então.

Já aqui escrevêmos quanto necessario era para o restabelecimento de toda a verdade que a *velha sucia* quer, por força, e a seu talante, alterar. Vêmos, porém, que uma nova azemula, apresentáda ao respeitavel público pelo emprezario da *Cornêta*, de novo orneja sobre o caso os zurros que numa verdadeira linguagem de animais daquéla raça, entendeu dever soltar...

Ao proprietario, editor e redactor da *Cornêta*, como se intitúla o Zé Maria, diziamos, esqueceu fornecer, como pedra de toque da infamissima urdidura de todo esse processo, o depoimento que nêle fez. E' edificante e uma prova indiscutivel da lealdade e da verdade com Zé Maria falou e sempre fala.

Folhas 97 e 98 — **José Maria Barbosa** — *que na estação telegrafo-postal não assistiu pessoalmente a qualquer conversa que os empregados respectivos tenham tido sobre materia politica, mas numa farmacia cuja propriedade é do filho do fiel Brito, o aspirante Rosa, não só faz propaganda ácêrca das suas ideias republicanas como tambem quiz impôr ao depoente o seu crédo politico e não tendo sido tolerádo que semelhante imposição lhe fosse feita, tanto mais que êle é respeitador das opiniões alheias e exige que respeitem as suas. Dêste facto ia resultando um conflicto pessoal e por pouco não chegou a vias de facto e então não deu parte em juizo das provocações, insultos e ameaças que lhe fôram feitas pelo referido empregado Rosa, foi em atenção ás suas circumstancias e ao pedido que lhe foi feito por Manuel Moreira.* Disse mais *que a sua opinião pessoal, que é tal a convicção, sentimentos e ideias republicanas, que defendem em toda a parte em conversas públicas algo acaloradas, visando a familia real, ministros, homens de estado, emfim, homens que não comunguem no seu crédo politico. E', pois, para acentuar que empregado ou empregados que manifestamente assim expõem as suas ideias e as defendem,* **muito perigosos pódem ser para as instituições e mesmo para a manutenção da ordem pública** *visto que um telegrama por maior confidencia que representásse não teria duvida em acreditar que fosse divulgado se de aí resultásse beneficio para a proclamação da Republica. As manifestações dêsse empregado e doutros em ideias politicas, são tão públicas que não é dado duvidar que délas não tenha conhecimento o sr. director do correio; o que é facto é que não tem conhecimento algum que estes empregados tenham sido sequer admoestados.*

Tem o leitor alguma coisa que dizer á purêsa e grandeza de alma que animou o misero depoimento que aí fica?

E havêmos nós de consentir que esse tipo besuntão enfileire na Republica, êle que foi um dos que mais blasonou contra éla e contra aquêles que a defendiam?

Não, Zé Maria, não; com o nosso voto o teu logar será eternamente na sala dos cães.

Renuncia de mandáto

Pergunta-nos um amigo de... Pardilhó, que diabo de particulares desgostos levariam o sr. Egas Moniz á renuncia da sua cadeira de deputado.

Vê-se que êste conterraneo do ilustre lente não se recorda de quanto esse deputado disse sobre a questão de Ambaca e os epitetos com que, naquéla fingida braváta de politico... impoluto, mimoseou o respectivo ministro da marinha, Freitas Ribeiro. No dizer do famoso medico especialista de doenças nervosas—*o ministro era um criminoso* do qual pediu a cabeça em nome do decôro e moralidade pública ofendidas! Vae se não quando a comissão nomeada para estudar e dizer da sua justiça sobre o *horrivel crime* apresenta o seu parecer por onde se conclue que *não ha responsabilidades de qualquer ordem para qualquer das pessoas que tivéram directa ou indirectamente ingerencia nas negociações do apuramento de contas, arbitragem e condições do arrendamento.*

Conhecido o caso pelo referido deputado, o que lhe aconselhou o bom senso?

Renunciar. Para que alguem, que sabe o nome aos bois, o não classificasse na câmara como êle merecería.

Lá diz o ditádo—*onde élas se fazem é que se pagam!...*

Outro agradecimento

Publica o *Aveirense* o seguinte sensacional telegrama enviado da cadeia da Relação do Porto ao comerciante Ricardo Pereira Campos:

Peço que agradeça por mim e os meus companheiros a todos os amigos que nos cumprimentaram aí á nossa passagem, e a todos assegure a nossa eterna gratidão. As contrariedades por que têmos passádo estão bem compensádas com esse carinhoso acolhimento. Para todos esses amigos, a nossa grande afeição, que nunca esquecerêmos.

Abrace todos.

Jaime Duarte Silva.

— Que grande estopáda!—exclamou ao lêr o despacho a *lidima individualidade da nossa terra*. Ir abraçar agora *500 pessoas*, com um calôr dêstes, é mesmo de quem me quer vêr peládo de todo...

Se o *Japão* não éra capaz de fazer com mais facilidade êsse serviço a trôco de dois patácos!...

Promoção

O sr. dr. Manuel Joaquim Correia, que nésta comarca de Aveiro exerceu com inteligencia e criterio, o cargo de delegado do Procurador da Republica, acaba de ser promovido a juiz de 3.ª classe e colocádo na Ilha de Santa Maria (Açores) para onde parte brévemente.

Não mantendo nós com sua ex.ª mais do que méras relações de cumprimento, explicádo fica o motivo porque nos não alongâmos a seu respeito, se bem que a opinião dos que de perto conviviam com o sr. dr. Manuel Joaquim Correia o aponte como um magistrado integro e duma ilimitáda inteirêza de caracter.

Para a vaga deixáda pelo antigo delegado vem o nosso bom amigo dr. Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho, cuja rectidão como funcionário de justiça podêmos afiançar pelo conhecimento proprio que têmos das suas qualidades morais dêsde remotos tempos.

O eclipse

Com a precisão prevista, produziu-se o extraordinario fenomeno, que trouxe ao nosso país sabios de todas as partes a observal-o. Nésta cidade não foi total, mas atingiu ainda assim uma grande intensidade, maravilhando os numerosos espétadores. Repetiram-se, como em 1900, identicas manifestações, tendo havido uma brusca e intensa baixa de temperatura, pois ao sol, ao principiar o eclipse, havia 23° e no maximo 15,° descendo ainda o termometro a 14,8. Pouco mais a um quarto do eclipse, o céu tomou, de leve, a côr acinzentada, e a sombra dos objectos levemente tremula e entre o claro fixo e a sombra propriamente dita, uma meia sombra aumentáda para o escuro.

Os raios solares atravessando os intersticios das folhas das arvores formaram sobre a terra imagens brancas sob a fórma de crescentes cada vez mais delicados, mas em direção oposta á da marcha da lua.

Na fase mais intensa, que foi rapida, houve mais brilho na parte do sol que ficou visivel, apercebendo-se distintamente a mancha da lua sobre o disco solar, parecendo nésa altura que o crescente do sol rolava sobre o seu proprio eixo até á direcção sul, principiando depois a aumentar gradualmente.

Viram-se distintamente tres estrelas, uma délas, certamente, a Venus.

Os passaros procuraram abrigo, aparecera morcêgos esvoaçando, nas aguas viu-se algum peixe que desapareceu com o regresso da luz e todos se extasiaram na contemplação do empolgante e unico espectaculo.

Em Ovar o fenomeno foi mais completo, como não podia deixar de ser, e pessoa que lá estêve informa-nos, por saber das missões ali funcionando, que o eclipse fôra total a 2 milhas e meia ao norte de aquéla vila, com a duração de dois segundos e coróa solar explendida. A concorrencia áquéla importante vila foi numerosa, vendo-se por toda a parte verdadeiros cachos humanos, de nariz para o ar na estática contemplação do grandioso espectaculo que—quem sabe?—jámais voltará a repetir-se nos nossos dias.

Cada um dá o que tem...

Escreve-nos, indignado, um *constante leitor*, porque, assistindo no domingo ao concerto da banda do regimento, no Passeio Público, ouviu que uma senhora censuráva asperamente outra por a vêr de pé, em atitude de respeito, quando era executádo o hino nacional. O nosso correspondente aponta o nome das duas senhoras e pergunta com referencia á primeira:

— Que lhe parece que merecia o procedimento inqualificavel da madama?

Amigo leitor: ha procedimentos que nada merecem pela proveniencia. E o déssa senhora, censurando quem, pela sua ilustração, educação e instrução, completamente os seus devêres, está completamente ao abrigo de quaesquer comentários da nossa parte. Pois não é assim? Que lucrâmos nós em dar a éssa senhora uma lição de civilidade se éla, pela sua incomensuravel estupidez, é refratária a tudo? Que lucraríamos nós em dizer-lhe que o sentimento patrio não distingue sexos, e que á mulher, como educadôra das futuras gerações, compéte, mais do que a ninguem, dár bons exemplos, transmitindo-os aos filhos para déles fazer bons cidadãos, prestáveis e uteis ao seu país? Seria prégar no deserto e, com franquêsa, para isso não estâmos. A senhora, que tan to encomodou o nosso *constante leitôr*, não tem, afinal, imputação porque não pensa nem sabe o que diz. Julga-se *alguem*, é cérto. Tem pretenções porque substituiu o antigo lenço de chita da cabêça e os tamancos, por um *têsto* desageitado e uns sapatos de salto tôrto, enchumaçando o resto do corpo com algodão e farrapos para se tornar elegante. Supõe éla que désta maneira e ainda com a bolsa da moda empunhâda na dextra, pâssa por aristocráta no meio de outras com quem se relacionou e que, inteligentes, a disfrutam ouvindo-a conversar. Coitáda! Não lhe permite vêr mais a sua incultura que é bem a prova irrefragavel do espirito que anima todos os tacânhos.

Deixál-a lá falar. A ignorancia foi sempre muito atrevida e essa *senhora*, creia o *constante leitôr*, é supinamente ignorante.

Só lhe falta tirar previlégio...

APOIADO

O notável biografo do *Mijarêta* engrandecendo o seu mestre, na ultima e *elevada* produção literária que a tal respeito trouxe á publicidade na *Cornêta do Diabo* e que tanta sensação... vomitiva produziu na gente séria e honesta que a leu, escréve assim sobre a referida creatura:

Este tipo é, sem a menor duvida, um grande vergalho e um grande malvado.

Arre que é vergalho!

Arre que é malvado!

Não tentâmos sequer, ferir a nota viva e empolgante da *elevação* da frase.

Aqui não se desmente ninguem...

UNICO

Com vista ao nosso colléga lisbonense *O Livre Pensamento*:

Fão, 9.—Decorreu com grande esplendor as solenidade da Semana Santa. Nas procissões do *Ecce Homo* e do *Enterro*, encorporaram-se as pessoas mais gradas désta terra, entre as quais os membro da comissão paroquial, o digno ajudante do registo civil e outras entidades, fazendo a guarda de honra uma força de policia civil, superiormente dirigida pelo sr. Manuel de Freitas, muito habil regedor de paroquia.

Que tal? E faláva o *Livre Pensamento* da atitude das autoridades de Aveiro quando nenhuma razão lhe assistia de o fazer, pelo simples facto de só terem cumprido com o seu dever!

Os de Fão, como se vê, é que sabem dar exemplos de respeito á lei...

AMORES NOVOS

Sabe-se que deixou o *ménage* do *Correio de Aveiro* o sr. dr. Cherubim, que requereu o respectivo divorcio.

Diz-se mais que a causa de tal acto de despero, fôra a publicação do retrato do companheiro que o sr. dr. tomou á conta duma vaidade provocadôra do Zé Maria feita ao sexo... forte, e ferido no seu amor... proprio tratou de salvaguardar a honestidade da sua pessoa e do seu nome, pelo que lhe não regateâmos louvores.

Pois apesar dêste procedimento e da scena violenta que se deu no átrio da agencia do Banco de Portugal, pelo encontro inesperado dos dois... conjuges, ouvindo por essa ocasião o dr. com a verdadeira resignação dum esposo modelar, as maiores imprecações, como facilmente se compreende que as diga uma creatura...abandonada, já andam as bisbilhoteiras da visinhança, que tem badaládo o escandalo como uma persistencia aterradora, a falar num novo namoro da *Maria Zé*, afirmando ter já sido trocada correspondencia entre a... abandonada e o novo protetor, o Padre Fernandes.

Que o Zé Maria precisa dum amparo, de alguem com olhos de vêr... não ha duvida... Veja-se, por exemplo, depois do abandono o desastre da inserção da horrorosa biografia e quem sabe ainda o que mais virá!...

Mas o padre Fernandes...não nos cheira...

Emfim. ha gostos para tudo...

Sindicancia

Encontra-se em Aveiro, tendo iniciádo os seus trabalhos de sindicancia ao conflito havido entre o sr. Beja da Silva, comissário de policia e administrador do concelho de Aveiro e o amanuense do govêrno civil, Acacio Rosa, o sr. dr. João Elizio Simões Sucêna, de Agueda.

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 11 de abril de 1912.

Presidencia do cidadão dr. Luís de Brito Guimarães. Compareceram os vogaes Manuel Augusto da Silva, Pompilio Simões Souto Ratola e Sebastião Pereira de Figueiredo.

Acta aprovada em seguida ao que foram presentes e deferidas as petições de Agostinho de Deus da Loura, désta cidade; José Lopes Antunes, da Costa do Valado e Joana Luiza, da Vera-Cruz, para lhe serem concedidas licenças e alinhamentos para construções;

Da câmara municipal de Estarreja para entrada da menor Maria, filha de Joaquim Ribeiro da Silva e de Ana Maria Ribeiro, na secção feminina do *Asilo-Escola Distrital*;

De José da Fonseca Prat, désta cidade, para demarcação do terreno que por força de alinhamento tem de adquirir na rua do Passeio para construção duma casa, sendo ratificado o alinhamento já dado em 15 de junho de 1905 a Carolina Henriques de Oliveira e Silva, então proprietaria daquêle terreno para casa que não chegou a construir; e

Da Companhia de Salvação Publica *Guilherme Gomes Fernandes* para que lhe seja permitida a realisação dum bazar, no Jardim Publico, nos mezes de maio, junho, julho e agosto do ano corrente, sem preterição de qualquer outra festa que a câmara julgue dever autorisar tambem, e ficando por conta da mesma companhia as despezas com a iluminação do recinto.

Fôram mais presentes e tomados na devida consideração:

Tres oficios do governo civil do distrito comunicando: a autorisação concedida á câmara e *Teatro Aveirense* para ocuparem o terreno da dependencia do liceu local por êles solicitada; que as alterações pela câmara feitas no regulamento do descanço semanal se consideram aprovadas sem dependencia de nova sanção; e que estando em discussão o projeto do novo codigo administrativo convém não prover quaesquer logares no quadro da secretaria municipal; e

Um outro do encarregado da organisação do Museu Municipal, cidadão João Augusto Marques Gomes, sobre assuntos que se prendem com o mesmo museu.

A câmara tomou por fim as seguintes resoluções, á primeira das quaes não assistiu, como é de lei, o ex.mo presidente:

Aprovar a conta da gerencia finda, que mandou pôr á reclamação pelo praso legal; e

O projeto do primeiro orçamento suplementar ao geral do corrente ano, sobre o qual se deverão observar tambem aquélas formalidades;

Mandar levantar a planta da rua da Senhora da Graça, em Eixo, a fim de concertar nos alinhamentos a seguir;

Proceder aos concertos de que carece a fonte do Rêgo, na mesma freguezia;

Oficiar á Junta das Obras da Barra fazendo-lhe vêr a conveniencia que ha na abertura duma nova entrada, em dias de feira, para o Ilhete, no Côjo, visto que a atual é para aquêle efeito insuficiente;

Fazer tarar todas as vasilhas em que os vendedores de vinho expõem aquêle genero de consumo a fim de evitar fraudes; e pôr em rigorosa observancia o art.° 11 das suas posturas de 87 não permitindo que os manifestos para entrada de vinhos na cidade se passem noutro local que não seja a secretaría, que para isso abrirá ás horas regulamentares em todos os dias uteis; e

Oficiar ao encarregado da organisação do Museu Municipal lembrando a conveniencia de fazer transpor para ali o pedestal da maquete da estatua de José Estevam.

Por fim a câmara procedeu, nos termos do seu anuncio anterior, á arrematação dos terrenos da areia, em S. Jacinto, solicitados por José da Silva, de Sarrazola, arrematação que lhe foi ordenada pela instancia superior competente e que se fez pela quantia de 451$000 reis, adjudicando os ditos terrenos áquêle cidadão.

Escola da Vera-Cruz

Depois dum encerramento de mezes, abriu de novo a escola primária do sexo feminino da Vera-Cruz, cuja cadeira é regida pela professora D. Maria de Mélo e Costa em quem as alunas terão uma bôa méstra para as instruir e educar.

Folgâmos que assim tivésse acontecido.

PARA A HISTORIA

Recortâmos do jornal de Lisboa, *O Dia*, ontem chegádo a ésta cidade:

Manifestações em Aveiro

AVEIRO, 13—Em direcção á cadeia da Relação do Porto passaram aqui hoje, no rapido da noite, os presos politicos de Aveiro que estávam na Penitenciária de Coimbra. Na *gare* compareceu a melhor sociedade de Aveiro, que fez uma delirante manifestação de apreço ao brilhante causidico e illustre filho désta terra, dr. Jaime Duarte Silva, um dos presos.

Era bélo e enterne cedor o entusiasmo que escandecia todos os peitos e que se manifestava num côro colossal de vivas e palmas áquele nosso distinto amigo, ha longos mezes sob os ferros da republica.

A *gare* estáva completamente cheia e a manifestação atingiu as proporções duma verdadeira apoteose ao prestigioso advogado.

E mais êste comentário:

Muito folgâmos que ao sr. dr. Jaime Duarte Silva tenha sido prestada tão justa homenagem ás suas altas qualidades de espirito e de caráter.

. . . .

Decididamente a talassaría indigena anda a disfrutar-nos. Sim; porque quem diz que na estação *compareceu a melhor sociedade de Aveiro, que fez uma delirante manifestação de apreço ao brilhante causidico e ilustre filho désta terra, dr. Jayme Duarte Siva* como que a provocar a homenagem de *O Dia ás altas qualidades de espirito e de caracter* da repugnante creatura, com certeza que não tem em vista outra coisa.

O peor é se a autoridade indága e os nomes da *melhor sociedade de Aveiro* teem de aparecer em público... depois do apuramento de responsabilidades.

VINGANÇA

Andávamos intrigadissimos comnosco mesmo sem atinar com a razão bastante para justificar o consentimento do Zé Maria na publicação da biografia do nosso heroe, quando é certo que o mesmo Zé Maria põe pelas ruas da amargura o referido biografádo pela ingrata paga que lhe deu, depois do sacrificio do discurso da Fogueira, não só no célebre julgamento em que figurou o proprietario da *Cornêta* como juiz de paz e o *Mijarêta* como advogado, mas ainda o infamissimo procedimento dêste no processo em que era réu, Manuel da Rocha, acusádo dum alcance como empregado da fabrica de moagens Cristo & C.ª tendo o referido Zé Maria de ir implorar a outro bacharel, fóra da terra, o cumprimento duma exigencia da lei dentro dum praso fatal e que o advogado do réu, o nosso biografádo, de proposito não satisfizéra.

Pois está desfeita a nossa intriga com a explicação do caso, que aceitâmos sem repugnancia e que alguem nos deu:—é uma vingança! Não percebem? O Zé Maria não quiz ficar sósinho com o ridiculo da sua biografia. Proporcionou ensejo e entalou o outro.

—E' uma vingança, afirma-nos o nosso interlocutor.

E não resta duvida, que a desforra é soberba.

Estudantes de Leiria

Estivéram nésta cidade desde terça-feira até ontem, algumas dezenas de estudantes do liceu de Leiria que viéram para observar as várias fases do eclipse solar, acompanhádos por dois dos seus professores.

A academia aveirense foi esperál-os á estação com musica e foguetes, recebendo-os com carinhosas manifestações de simpatia a população da cidade e especialmente das ruas por onde passáram e que das janélas atirou flores sobre os academicos.

Juntamente com os estudantes de cá, os leirienses fôram tambem a Ovar na quarta-feira, regressando á tarde, em barcos, o que os excursionistas apreciáram pelo inesperádo do passeio, que devéras os surpreendeu e cativou.

Em sua honra e ainda nêste dia, realisou-se no Jardim Público, que se achava iluminado a gaz e á veneziana, um atraente festival noturno em que tomou parte a banda do regimento de Infanteria 24, regida pelo sr. Antonio Alves, vendo-se o aprazivel rocinto completamente cheio de gente de todas as classes sociaes.

O dia de ontem foi aproveitádo em diferentes visitas pela cidade, como liceu, onde os académicos fôram recebidos pelos seus colégas e o corpo docente, Escola Industrial, Escola Normal, Muzeu, etc. etc. No liceu falaram o reitor, sr. dr. Alvaro de Moura, recordando o acolhimento feito o ano passádo á academia de Aveiro pelos leirienses; o quintanista Neves, presidente da academia aveirense; o sr. Gomes Pereira, professor do liceu de Leiria; Isaac Leví, do 7.º ano e o professor Vieira, que saudou na pessoa de aquêle estudante todos os seus colégas das margens do Liz.

Os alunos do nosso primeiro estabelecimento de ensino ofereceram lindos raminhos de flôres naturais aos estudantes leirienses, que os agradecêram com extrema amabilidade.

Pela tarde e depois dum *matéh* de *foot-bal* efectuádo no campo do Côjo, entre os dois *teams* academicos, retiráram os nossos hospedes para Leiria, deixando entre nós a mais grata impressão da sua visita.

PST!...

O' biographo! Mas então o que foi na politica o grande biografádo quando fundou e redigiu o *Jornal de Aveiro? Filiando-se no partido regenerador liberal e seguindo a politica franquista á qual deu em todo o districto o valioso impulso da sua inteligencia, influencia e*... indecencia (por causa da rima) o que foi êle antes déssa filiação?

A *Beira Mar* éra jornal democratico?

Então que orientação seguiu o *Jornal d'Aveiro?*

Que malditos apontamentos estes tão faltos de verdade!

Mas não admira que num trabalho d'aquêles, de tanto folego, passasse uma simples... lacuna...

Outro "match„

No proximo domingo, ás 13 horas, deverá chegar a esta cidade, vindo do Porto, o *team foot-ballist* da importante escola Raul Dória, acompanhado pelo nosso amigo e colaborador Humberto Beça, professor tambem daquêle colégio, que vem realizar o *match* para que foi convidado pelo *team* da nossa academia.

Darêmos o resultado, se o espaço nos não faltar, como tantas vezes sucéde.

Embicando

O orgão do *director* Zé Maria notou, ha dias, *que as obras que se estão fazendo nas salas destinadas ao registo civil, são luxuosissimas de mais* (o português é dêle) *atendendo ao estádo de pobreza em que se encontra o tribunal judicial.*

São, não ha duvida, para quem só está acostumado a frequentar baiucas, tascos manhósos e outras casas á semelhança. Porque, de resto, o qne a câmara mandou fazer está até muito áquem do que era necessario que fôsse a Conservatória do Registo Civil na capital dum distrito.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

NOTAS DA CARTEIRA

Com sua esposa estêve na terça-feira em Aveiro, o sr. dr. Machado da Silva, clinico em Ilhavo, bem como o distinto advogado ali residente, sr. dr. Carvalho Junior.

= A passar o verão, partiu ante-ontem para Estarreja com sua dedicada familiá, o sr. José Maria Pereira do Cout, Brandão, empregado do govêrno civil aposentádo.

= Do Pará, onde se encontrávam ha anos, viéram estar uma temporáda no seu torrão natal, os nossos amigos Manuel e José Rodriques Neta e Manuel Maria Nunes, cuja visita agradecêmos, lamentando que uma ausencia forçada nos impedisse de os abraçar pelo seu feliz regresso.

Ficará para outra vez.

= De passagem para Chaves, vimos nésta cidade o capitão do estado maior, Maia Magalhães, filho do falecido jurisconsulto, dr. Barbosa de Magalhães.

= Realizou-se no dia 12 o consorcio do nosso patricio Francisco Pereira com a menina Maria de Jesus Vieira, filha do abastádo proprietario, sr. João Vieira dos Santos.

Áo acto civil, que têve caracter intimo, assistiram, como testemunhas, o pae do noivo, sr. Luiz Pereira; a irmã da noiva, sr.ª D. Tereza de Jesus Vieira, professora na Gafanha e o sr. Eduardo Dias Limas e esposa.

= Tambem no dia 8 se consorciaram no visinho logar da Presa o sr. Manuel Gonçalves Caçóla e Maria Emilia Maximina, cujo registo foi efectuádo pelo dr. Nobre, conservador em Aveiro.

Serviram de testemunhas os srs. Manuel Ramires Fernandes, Álipio Pires, Manuel Ferreira Canha, José Simões, Armando de Matos, João Rodrigues, Manuel Gonçalves Maio, Manuel da Costa Figueiredo e Antonio Rodrigues da Rocha.

A ambos os pares, os nossos parabens.

= Veio ontem a Aveiro, o nosso patricio sr. Agnelo Augusto de Sousa, residente em Oliveira de Azemeis.

PANO DE AMOSTRA

Um periodo completo e integral da *grande* biografia do *grande* biografádo, fim da 1.ª coluna, da 2.ª pag. da *Cornêta: pois consta que a este resultado não foi estranha a influencia diabolica do tal sr. Jaime de Moraes Duarte e Silva, representante por sua mãe do sargento de caçadores 10 Moraes Sarmento que tomou parte importante na revolução liberal em 1828 e por isso foi enforcádo na Praça Nova do Porto, etc., etc., etc.*

Depois do inolvidavel agradecimento assinado tambem pelo **vadio e gatuno** Manuel de Oliveira, fica em primeiro logar este documento, que, no genero, é verdadeiramente notavel.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL	
DIAS	PHARMACIAS
21	BRITO
28	REIS

VENTOSAS

O eclipse

(Telegramas do fenomeno, enviados ao *Democrata*, pelo nosso correspondente.)

Penafiel, ás onze horas.
Tudo de ventas p'ra o ar,
o sol com poucas melhoras
está prestes a esticar.
Parto p'ra lá sem demoras.

Onze e cinco. Está mais mal,
Já nem endireita a espinha.
Um sabio de Louriçal
diz que é o nariz do Rainha
fazendo eclipse total.

Onze e seis; inda alumia;
junta de cirurgiões
receita com ousadía,
p'ra evitar as pulsações,
d'alimento, uma fatia...

Onze e séte; esse estafermo
não 'stica hoje, p'lo visto.
A' cabeceira do enfermo
puzéram agora um cristo.

Onze e nove; o sol morreu,
afinal, de febre preta;
diz-se agora que lh'deu
por que vendo o Mijarêta
Julgou que fôsse Proteu ...(1)

(1) Nome dum homem sem caracter.

POR BAIXO...

O patéta, ultimamente guindádo á ingrata tarefa de cantor das *glorias mijaretaceas da lidima individualidade da nossa terra*—Jaime Duarte Moraes e Silva,—tambem conhecido por Jaime Duarte Silva, de quem, por emquanto, a respectiva fotografia, existe sómente em diversas casas de pessoas conhecidas, acaba o seu *explendido* e *erudíto* trabalho com a seguinte textual frase que dá bem a nota do alto valor intelectual de quem o fez:

Arre que tem muita força mesmo debaixo!

A' parte a invejavel concéção da ideia que esta frase verdadeiramente significa, o patéta que afirma que o biografado *tem muita força mesmo debaixo*, lá tem as suas razões...

E quando êle está por cima, terá a mesma—ó animalsinho?

CORRESPONDENCIAS

Alemquer, 7

O eclipse do sol tem despertádo a maior curiosidade nêste concelho sendo visto já a primeira fase no dia 1. E' o caso que o sol que ilumina esta terra tem baixado tanto os seus raios, que não ha republicano algum que se não sinta melindrado pelos podêres constituidos, mas especialmente um a quem parece não terem corrido as coisas de feição desde ha tempos a esta parte e que por isso se acha disposto a não se meter em mais barafundas do que aquélas em que se tem envolvido.

Se lhes parece...

= Acaba de dar-se aqui um lamentavel desastre. Um rapaz dos seus 11 anos, de nome Carlos Mendonça, filho duma das familias mais respeitaveis désta localidade, andando a passear em biciclêta teve a infelicidade de cair por uma ribanceira da altura de oito metros, ficando em estado comatoso.

Os primeiros sucórros fôramlhe prestados pelo distinto clinico sr. dr. Julio Cezar Pereira, seguindo o infeliz para Lisboa, afim de receber o indispensavel tratamento.

C.

Cacia, 17

Vindos do Pará, chegáram á sua casa do Cabêço de Sarrazola, os nossos apreciaveis amigos Manuel Rodrigues Neto e José Rodrigues Neto, que gosam nésta freguezia da maior estima pelas bôas qualidades de que são dotádos.

Dâmos-lhes um fraternal amplexo.

= Tem sido algo trabalhosa nos ultimos dias a faina nos campos, que se apresentam com o melhor aspecto prometedor de abundante colheita.

= Tivémos o prazer da visita da esposa do nosso amigo Eduardo Gaspar ex-encarregado do serviço telegrafico da estação désta freguezia e atualmen-

em qualquer outro local, e acrescente-se, ainda não poder haver duvidas sobre as intenções, por parte dos revolucionarios, de assaltar o quartel e ali reproduzir, talvez, as scenas do da Estrêla. Pergunto: quem seria nêste caso o primeiro alvejado?

Notarei que nas ruas não fôram mortos, ou sequer feridos, que me conste, quaisquer oficiais. Entretanto, gravemente feridos fôram alguns de marinha que se encontravam a bordo, nos seus postos, e mortos foram dentro do seu qnartel, o coronel Celestino, do 16 de infanteria e um capitão do seu regimento.

* * *

Não sei que mais outras acusações me serão feitas, mas sejam quais fôrem, poderia responder, como respondido fica aquélas de que tenho conhecimento e com a firmeza e serenidade de quem tem a consciencia tranquila.

Tenho a segurança de haver cumprido com lealdade e sem tibiezas o meu dever, como pódem testemunhal-o os oficiais que junto de mim se conservaram durante o movimento revolucionario.

Outubro de 1911.

FIM

Depois segui para o pavimento inferior, onde me disséram que devia assinar uma relação que ali se encontrava e que vi achar-se coberta de nomes de oficiaes.

Por motivos de interesse particular, necessitei ir ao quartel do Carmo, e encontrando-me aí, fui procurado pelo ajudante de campo do sr. general comandante da divisão, que me disse ser necessario que eu escrevesse, por meu proprio punho e em determinados termos uma decla ação de obediencia ao novo regimen.

A isso acedi, redigindo a declaração proximamente nos termos seguintes: «Declaro sob minha palavra de honra que continuarei a servir lealmente o meu país sob o atual regimen republicano.»

Dias depois requeri apresentação á junta de saude para mudança de destino. Fui julgado pronto para o serviço, como aliás o fôram todos os oficiaes que nesse dia se apresentaram para o mesmo fim, notando eu entre êles o general José Diogo Mousinho de Albuquerque, que visivelmente se encontrava bastante enfermo, e que numa das juntas imediatas foi considerado incapaz do serviço, bem como outros dos oficiaes então presentes.

Falhando-me este recurso, lembrei-me de desistir da ultima prova de exame para general, do que, segundo a legislação vigente resultaría a minha transferencia para a reserva, o que finalmente consegui.

Assim procedi por não ter, independentemente da vida militar, recursos de subsistencia nem poder angarial-os, dada a minha idade e o estado da minha saude.

O que se diz contra mim

Entre as terriveis acusações que se me fazem, por malevolencia de uns e ignorancia de outros, figura em primeiro logar a de que foi um traidor, que me vendi.

Nada menos!

Esta odiosa acusação, tão pérfida como iniqua, é vaga e não se apoia no mais pequeno facto concreto ou em um indicio, sequer. Não importa. A calúnia dispensa todas as provas quando se empenha em ferir alguem.

Ao meu passado sem mancha, á minha consciencia honrada repugna responder a estas infames imputações. Por isso só acrescentarei ao relato fiel dos acontecimentos, que acaba de ler-se, a afirmação soléne, sob minha palavra de honra, que da Republica apenas tenho recebido aquilo a que a minha posição oficial me dá direito. Que se apresente a pessoa que possa desmentir-me nêste ponto ou em qualquer outro da minha exposição.

Pelo contrario, notarei que fui tratado sem as atenções que para

te no desempenho de identicas funções em Oliveira do Bairro.

= Aproveitando os muitos *tramsways* que diariamente aqui passam, têmos visto já, principalmente aos domingos, bastantes familias de Aveiro que veem realisar *pic-nics* nas margens encantadôras do nosso Vouga e que á noite retiram bem dizendo os momentos passádos junto ao tortuoso rio em alegre e fraternal convivio.

= No dia 14 realisaram o seu consorcio o sr. José Maria Tavares e Ana de Jesus e Silva, efectuando o registo, em casa da noiva, o sr. Joaquim Fernandes Martins, que de Aveiro veio expressamente para esse fim.

Testemunháram o acto os paes da noiva Manuel Pedro da Silva e Ana Amantina de Jesus e ainda os srs. Albino Ribeiro, João Simões Nunes, Alfredo Nunes da Silva, Anselmo Figueiredo de Almeida e Antonio Rodrigues Neto.

Mil venturas desejâmos aos recem-casados.

= Tambem aqui foi hoje visivel o eclipse do sol pelo que toda a gente veio para a rua observar o extraordinario fenomeno.

Déram-se muitos casos identicos aos que nos foi dado vêr em 1900, posto que o eclipse de agora não tivésse sido total.

C.

Alquerubim, 10

Têm passado bastante doentes os srs. dr. Nogueira e Melo, distinto advogado e proprietario e o sr. Antonio Martins dos Santos Barrêto, honrado artista d'esta freguezia. A ambos desejâmos rapidas melhoras.

= Chegou de Lisboa com sua esposa e filhinhos o sr. dr. Alberto Nogueira Lemos. Retiram breve para a Africa.

= As vinhas estão muito prometedoras. Vão começar os tratamentos cupricos, e, se vingar o vinho que está nascido, póde dizer-se que será uma colheita abundante.

= Estão quasi concluidas as sementeiras de milho temporão e ainda continúa a sementeira de batatas. Se vingarem as batatas que estão semeadas, virão a tostão cada arroba! Em muitas déstas sementeiras tem sido empregado o adubo composto da Casa O. Herold & C.ª, de Lisboa.

= O rio Vouga tem dado muito peixe: enguias, barbos e algumas lampreias.

= Ainda continuam doentes, no Fial, o sr. Francisco de Oliveira e mulher, que fôram barbara e brutalmente espancados.

C.

Pinheiro, 15

Como já noticiámos é no proximo domingo pelas 11 horas que se realiza uma festa de fraternisação democratica, inaugurando-se o retrato do dr. Manuel de Arriaga, na escola primária daqui. O sr. Antonio de Brito, que faz parte da comissão encarregada dos festejos, convidou, em Aveiro, diversos oradores que gentilmente se prontificáram a honrar com a sua presença a nossa humilde festa. Que saibâmos, o nosso amigo Alberto Souto, deputado por Aveiro, tambem prometeu associar-se á festa, caso seja adiada a vinda do dr. Bernardino Machado a Estarreja.

A alvorada do proximo domingo, pois, será saudada por uma salva de 25 tiros, e a musica de S. João percorrerá as ruas do logar executando a *Portugueza*.

= Deu-nos, no domingo passado, o prazer da sua visita, o nosso bom amigo Alexandre Vidal, que procura sempre ocasião de nos patentear a sua amizade o que sincéramente agradecêmos e retribuimos.

= Continúa ainda bastante enfermo no logar das Azenhas, o nosso amigo Francisco Martins Sant'Ana. Desejâmos o seu rapido restabelecimento.

= Informam-nos que em Loure, o sr. Manuel da Rocha Nogueira espancou barbaramente sua mulher.

= Ficou isento do serviço militar, o filho do nosso amigo Manuel Branco da Povoa.

= O nosso povo tem manifestado grande anciedade pela realisação da nossa festa, visto que é a primeira que aqui se realiza.

= Retirou para o Pará o sr. Francisco Corrêa, dêste logar, acompanhando-o com igual destino, José Corrêa e Ana Martins, tendo todos uma despedida muito afetuosa. Muitas Venturas.

= Deu á luz um filho, a esposa do nosso amigo Joaquim Fernandes, do Paço. Muitos parabens.

C.

Guimarães, 17

O jesuitismo do falado Patriota—*Banda* Bôa-União—*Outro pasquim jesuitico—Várias*

Continúa êsse imundo papelucho a que chamam *Patriota*, a atacar a Republica, êsse regimen de Liberdade implantado num dia quente do formoso mês de outubro que fez baquear outro regimen de corrução e roubalheiras, como era a monarquia brigantina enterráda para sempre e para sempre abomináda.

Lido o seu ultimo numero, dá vontade de rir pelas mentiras e babozeiras que insére.

Mentir e ultrajar: eis o lêma dos *talassas* locais. Mentem para arranjar adeptos e ultrajam quando os planos lhes saem frustrádos.

Mas é verdadeiramente triste vêr a facilidade com que se passa de republicano para reaccionario, o que aconteceu ao director do papel, em troca de dois patacos que lhe poderão render as assinaturas.

= Foi contratada para tomar parte nas festas da Assunção que se realizam em Santo Tirso nos dias 14 e 15 de agosto proximo, a banda *Bôa-União* vimaranense.

= Outro jornaléco existe aqui intitulado *O Caloiro* que se diz defensor da academia, e em termos grosseiros ataca o importante semanário local *A Alvorada* enxovalhando o nome da Republica Portuguêsa, proclamada com o esforço heroico do exercito, do povo e da armada quando já não podiamos suportar por mais tempo a cremalheira da monarquia.

O seu director, Antonio Dantas, que publica nêsse pasquim o que lhe fazem o padre Costa e outros, vergasta sempre que póde os vultos republicanos, mas nunca os da *traição*.

E' melhor o papeleiro de *O Caloiro* encolher a lingua, quando não...

= A companhia do teatro do Ginásio vem nos dias 19 e 20 proximos dár duas récitas no nosso teatro com as peças *20 dias á sombra* e *O rei dos gatunos*.

Gaiato.

Ois da Ribeira, 16

O nosso homem veio á imprensa dizer muitas verdades...

Sim, muitas verdades!

Nem mesmo era de esperar outra cousa de tamanha inteligencia. Alguns jornais diarios tem copiado...

Os dois manos em processos, mostraram o quanto odeiam a Republica. O *Quim*, esse, é-lhe toleravel porque ignora a responsabilidade que tomou. Agora o autor da obra esse não tem juizo e disso tem dado prova. E vem então dizer com o seu modo cinico, que aspirâmos a comico e escrevêmos com arte.

Olhe, meu caro amigo: não temos as pretenções que o senhor julga e de que faz uso. Governâmos a nossa vida honradamente e escrevêmos conforme as nossas forças intelectuais; como sabe não temos vastos recursos literarios, mas permita-nos o amigo a vaidade: muitos homens honrados se não despresam de nos apertar a mão e de nos atenderem no que lhe temos pedido. Entende-nos ilustre cavalheiro? Deve entender, sim, que tem razões para isso.

Na nossa vida nunca pairou a ave negra da traição...

Pobre sim, mas honrado. É isto tanto na minha vida particular, como na vida politica em que ando envolvido ha já uns bons pares de anos. Não temos a habilidade que o caraterisa de se dizer ora democratico, ora evolucionista, ora inimigo dos republicanos daqui, sem, o mais das vezes, chegar a saber o que é e quanto vale.

Que infelicidade, que caiporismo o seu!...

Diz-nos mais o correspondente que apregoámos aos quatro ventos a sua esmerada educação e honrados processos politicos.

Mente, como sempre, quando assim fala.

Emquanto ao seu cliente, esse enterrou-se no charco e nós lho provâmos; espére, que a procissão ainda está para sair e nós estamos no palco e de braços arregaçados prontos para a obra. Se as nossas correspondencias são pobres de literatura terão em compensação factos incombativeis das peripécias dos dois manos... Souzas. Por isso, meus senhores, venham até lá, que o pano está corrido.

= Estiveram entre nós a passar as férias da Pascoa os nossos velhos amigos srs. Amadeu Soares, estudante no Porto e Manuel Claro de Almeida professor em Botão, concelho de Coimbra.

Bem vindos sejam para as férias grandes, estes dois nossos amigos e devotados republicanos.

= Esteve entre nós em serviço oficial o nosso amigo Manuel M. da Pás, de Agueda.

C.

Anadia, 16

Caso gràve

Deu-se numa das proximas passadas noutes um gràve atentado na povoação de Vale de Avim dêste concelho, operado pelo padre Antonio Dias, segundo se supõe, e que ali é residente.

Este sacerdote, que é bastante atrevido e que tem mais feitio para malandrim do que para representante de Cristo, tendo em tempo namorado uma menina, filha dum abastado proprietario daquêle logar, a qual veio depois a casar-se, pretendia ainda, desacatando o seu novo estado, manter as suas indecorosas relações. Para evitar mais escandalos, porque o *modelar* sacerdote chegava já até a véxar o marido daquéla menina com ditos devéras humilhantes, para o que procurava logares públicos, uma irmã déla a quem o padre nunca conseguiu conquistar, vigiava-o amiudadamente nêstes ultimos tempos. O padre já desesperado por nada mais poder conseguir e carregado de rancor contra esta menina que assim obstava á continuação dos seus imorais procedimentos, aproveitou-se mais uma vez da escuridão, disparando contra éla um tiro, quando a encontrou á janela, numa das ultimas noutes, não a tendo atingido comtudo.

Tendo sido presente o caso ao administrador dêste concelho que requisitou logo policias para, secretamente investigarem do caso, mandou em seguida dar uma busca á casa do padre Dias, onde lhe foi apreendida uma pistola automatica, carregada, e um velho rewolver. O padre Dias veio preso para interrogatorios, mas, tanto êle, como as varias testemunhas, nos seus depoimentos, não provaram bem que o crime fôsse pelo dito padre praticado. Apenas a menina que fôra alvejada e uma sua creada afirmam ter sido êle, no que nenhuma duvida deve haver, apezar de falta de provas, limitando-se o administrador a levantar auto e envial-o ao poder judicial para averiguação do caso.

C.

Falta de espaço

Ficam-nos, por absoluta carencia de espaço, alguns originaes para o proximo n.º, em que tambem nos ocuparêmos da desanexação dos concelhos da Mealhada e Anadia do nosso distrito, a que a imprensa se tem referido.

MOVIMENTO MARITINO

Barra de Aveiro

Entrádas—não houve.

Saídas — Dia 15: chalupa *Mariana*, tonelagem 48, com sal, para Peniche. Mestre Antonio dos Santos; tripulantes 4.

Lugre *Lucilia*, tonelagem 185, com sal, para Lisboa. Capitão Manuel dos Santos Labrincha; tripulantes 8.

Dia 17 — Canôa *Flôr de Abril*, tonelagem 16, com peixe, para o Porto. Mestre Antonio Pereira; tripulantes 5.

Nota — O *Lucilia* vai para os bancos da Terra Nova, mas fez aqui matricula para Lisboa.

Juizo de Direito
DA
COMARCA DE AVEIRO

ARREMATAÇÃO

2.ª PRAÇA
(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 28 do corrente mez, por 11 horas, á porta do tribunal désta comarca, sito á Praça da Republica, désta cidade e nos autos de execução por custas requerida por Maria Marques de Jesus, de Matadoços, contra seu marido José dos Santos Neto, ausente em parte incérta do Brazil, vae á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima de metade da sua avaliação, o seguinte pertencente e penhorado ao executado:

O direito que o executado tem a uma quarta parte de uma terra lavradía e pertenças sita no Monte Pequeno, limite do Paço, avaliada em 50$000 reis.

Pelo presente são citádos os crédores incértos.

Aveiro, 12 de abril de 1912.

O escrivão do 3.º oficio,
Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei,
O Juiz de Direito,
Regalão

com outras autoridades houve, depois de proclamada a Republica. Não sería, ainda decorrida uma hora desde que se consumou este facto, quando me foi imposta a entrega do comando das guardas, emquanto que ao sr. comandante da divisão foi oferecido continuar no comando da mesma, o que rejeitou, e ao sr. comandante da policia foi pedida, ao que me consta, a continuação no seu posto por dois ou tres dias mais.

E basta. Sobre tão desagradavel assunto, nem uma palavra mais.

* * *

Respondâmos, agora, a outras acusações.

Em uma entrevista dum redactor de *O Seculo* com o sr. Teixeira de Sousa li a seguinte declaração de sua ex.ª:

«... Nésta altura (durante o armisticio) já se tinham rendido o quartel do Carmo e quasi todos os corpos da guarnição».

Sinto ter que o dizer, mas a verdade que póde ser testemunhada por muita gente. é a que vai descrita no reláto anterior.

A guarda municipal declarou suspensas as hostilidades na manhã do dia 5, arvorando a bandeira branca 25 a 30 minutos depois de esta flutuar no quartel general, e sómente depois de ter sido nesse edificio colocada a bandeira republicana é que no quartel do Carmo foi içada a primeira bandeira de côr encarnada. E não foi menos de meia hora depois que ao sr. Inocencio Camacho declarei a minha rendição pelo facto de estar disposto a entregar o comando das guardas.

Outras das caluniosas invenções com que se pretende ferir-me é a de que beijei a bandeira republicana, fazendo juramento de obediencia á Republica.

Com a mesma veemencia repilo esta falsidade.

O que a este respeito se passou é exatamente o que vai relatado anteriormente na parte em que trato da minha entrevista com o sr. Euzebio Leão e dos factos posteriores á minha apresentação no quartel general dois dias depois de proclamada a Republica, procedendo então como vi proceder e fui informado que procederam tantos outros oficiais. Apélo para o testemunho de todos os homens de bem que presencearam estes factos, para que declarem se ha a menor inexactidão no modo porque os exponho.

A primeira e unica bandeira republicana que tive nas minhas mãos foi a que me apresentou o sr. Euzebio Leão.

* * *

Tambem se diz que eu nunca devia ter obedecido ás ordens superiores, das quais resultou a disseminação da guarda.

E' desconhecer elementarmente as coisas militares e não sei se este ponto deva ser discutido.

Eu declaro que nunca a desobediencia me passou pela mente. Toda a educação militar que recebi nas escolas de meus superiores e mestres e no exemplo e no conselho de meu saudoso pai, me ensinou sempre a stricta observancia da disciplina, base fundamental do exercito.

Se, como do relato se póde conhecer, eu na madrugada de 5 de outubro pensei proceder de motu proprio, bom é que se tenham em conta as circunstancias anormalissimas que então se davam, de desanimo e confusão, para que o meu procedimento se explique e justifique.

Mas, além da elementar consideração de disciplina ha a ponderar que qualquer movimento de tropas das guardas, sem combinação, era arriscada para as mesmas tropas. Eu desconhecia a situação das forças da guarnição e dos seus campos de tiro, onde muito bem podia acontecer que as minhas tropas se fôssem encontrar.

Além disso, desconhecedor, como era, dos planos do quartel general, como poderia eu atrever-me a dispôr a meu bel-prazer das forças das guardas municipais, acarretando sobre mim a responsabilidade tremenda de ir contrariar esses planos e, consequentemente, comprometer os seus resultados?

* * *

Houve, finalmente, quem me criticasse e crivasse de ironías pela minha permanencia no quartel do Carmo durante todo o periodo revolucionário.

A estas insinuações maliciosas teria respondido tudo, dizendo o que fica exposto sobre o assunto no meu relato: que o sr. general comandante da divisão, no inicio do movimento, determinou que eu me conservasse no quartel aguardando ordens.

Qual poderia, realmente, ser o meu lugar, depois da disseminação das forças que me foi ordenada? E' evidente que no quartel é que poderia prestar melhores serviços por ter á minha disposição cinco linhas telefonicas, que os revolucionarios não pudéram cortar e das quais apenas algumas se deterioraram, no decorrer do movimento, por projecteis que as feriram.

Mas note-se bem que o quartel do Carmo, por estes criticos julgado um refugio seguro, foi um alvo quasi permanente da artilharia da Rotunda.

Ao principio, distintamente se ouviam os projecteis passar por sobre os telhados. Na tarde do dia 4, o quartel foi batido por granadas. Na noite de 4 para 5 e até ao armisticio, as granadas não cessaram de rebentar com intervalos maiores ou menores, sobre o mesmo quartel. Cérto é, pois, que não se estava ali menos exposto que